

O REINO DA ESTUPIDEZ

POEMA HERÓI-CÔMICO

SÁTIRA ESTUDANTIL

1782-1785

14

ESTUPIDEZ

POEMA

EM
TRES CANTOS.

Mello Franco, Francisco de S.



LISBOA:

NA IMPRESSÃO DE JOÃO NUNES ESTEVES.

ANNO 1822.

Rua dos Correios, N. 144.

Google

• 35 •

CANTO QUARTO.

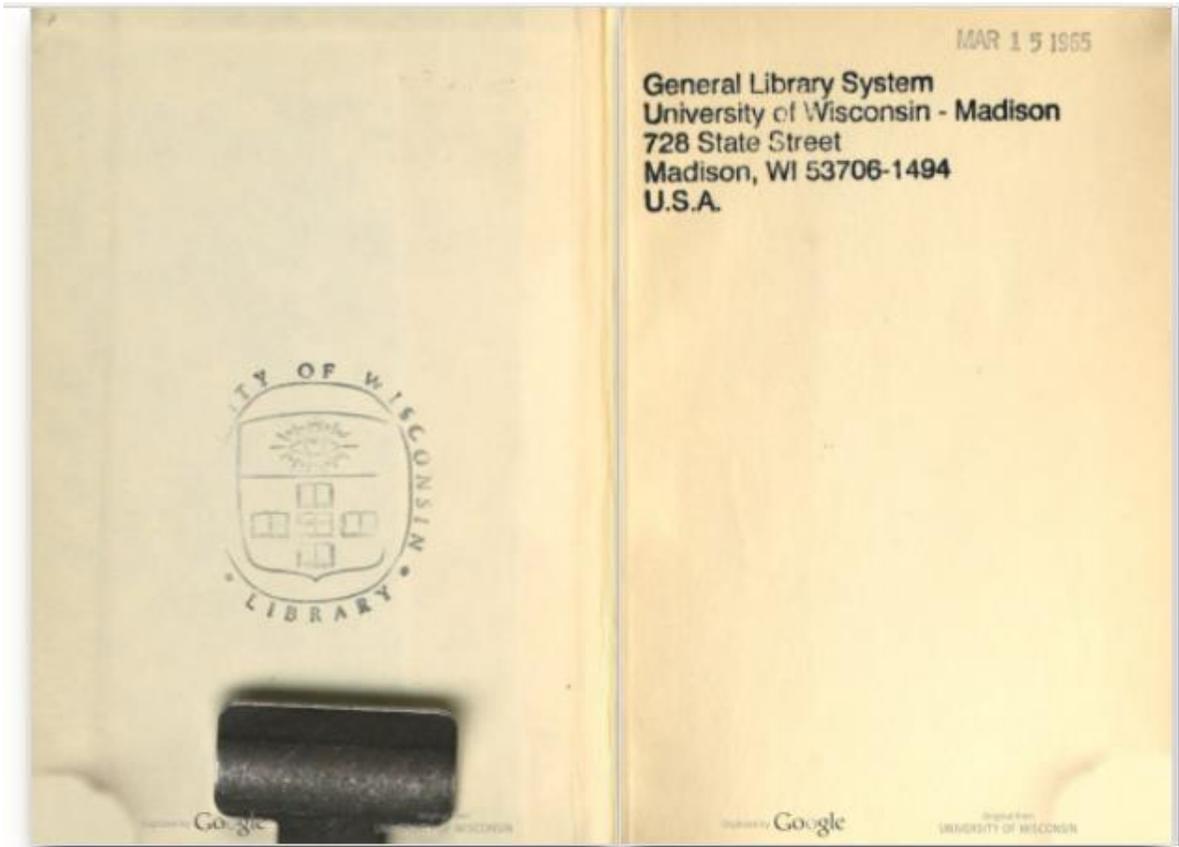
A penas o Edital se poem na porta
Da Grande Sala, que nos Actos serve,
Entre o Corpo, que fórma a Academia
Hum novo reboliço, hum alvoroço
Geralmente se move; não se fião
Na fé dos que referem a noticia;
Desejão com os seus olhos ver a nova,
Que tão doce alegria lhes motiva.
Deixão os Estudantes nos Bilhares
A Partida no meio, e perturbados
Da Capa lanção mão, como succede;
Mas o dono da casa, que o barato
Não dá por bem parado, chama, e grita:
Parceirinhos, pagar: nada me importa
Que venha a Estupidez, ou que não venha.
Dão-lhe dous encontroens, por terra o lanção,
E a qual primeiro para a rua correm
E

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google



<https://hdl.handle.net/2027/wu.89075105296>

General Library System
University of Wisconsin - Madison
728 State Street
Madison, WI 53706-1494
U.S.A.

ESTURDIA
P O E M A
E N
T R E S C A N T O S .



L I S B O A :
A L E X A N D R E DE SOUZA BARRETO

A N O 1822

Imp. da Off. de C. e P. N. 14

Go. glc

5511443

1502055 m

Mem
PQ
9241
M388
R45
1822

PROLOGO.

Rien est si bon le vrai

Le vrai seul est aimable.

Boileau Ep. 1; V. 15.

Vai, & Poema não digo, discorrer pelo
Universo, porque selq̃ está escripto em Portu-
gues; mas ao menos corre as mãos de todos
esses, que compoem a Universidade. Eu te
vaticino desde já huma desgraçada sorte: se-
rás praguejado, e por muitos reduzido a cin-
zas, que até irão deitar no Mondego,
como cousa contagiosa. Não esmoreças, que
entre esses ha alguns, ainda que poucos, que
folguem de ver a yerdade com seus próprios
vestidos; não receles penetrar os mesmos
Claustrs, ali he que te pronostico os
teus desprezos. Affirma pois a estes ho-

Go. glc

Adverte emfim, que não reparem em não fazer menção dos Senhores Theólogos, devendo estes ser os primeiros; porem = ex fructibus eorum cognoscetis eos = e invertendo = ex illis cognoscetis fructus eorum = O Ceo te leve a mãos, que te não dêem logo tyranno garrote antes de seres lido por algum que te propague.

Difficile est
Satyram non scribere.

Si Musa vetat, facit
indignatio versus.

Natura negat

Juven. Sat 1. N. 80.



Adverte emãu, que não reparem em não
fazer menção dos Senhores Theologos, de-
vendo estes ser os primeiros; porem = ex fructi-
bus eorum cognoscetis eos = e invertendo =
ex illis cognoscetis fructus eorum = O Ceo te
leve a mãos, que te não dêu logo tyranno
garrite antes de seres lido por algum que te
propague,

Difficile est
Satyram non scribere.

Si Musa vetat, facit
indignatio versus.

Natura negat

Juven. Sat 1. N. 80.



CANTO PRIMEIRO.

Não canto aquelle Heroe, pio, e valente,
Que, depois de ter visto a cara Patria
A ciazas redusida, e campo razo,
Mil prigos contrastando, hum Clima busca
Aonde com os seus ditoso seja:
A melle Estupidez cantar pertendo,
Que, distante da Europa, desterrada
Na Lusitania vem fundar seu Reino.
Dicta-me ó Musa, que eu não posso tanto,
Os nobres feitos, os diversos casos,
Que esta grande empreza acompanharão.
Hum feio monstro de cruel figura,
Desgrenhado cabelo, vesgos olhos,
Disforme ventre, circular semblante,
Da lugubre caverna onde jazia
Bocejando sabio, e longo tempo
Nas vizinhas Montanhas reparando.
Estas vozes soltou de magoa cheias:

CANTO 1: PROPOSIÇÃO

- Não canto aquelle Herói pio, e valente
 - Que depois de ter visto a cara Pátria
 - A cinzas reduzida, e campo vasto,
 - Mil p'rigos contrastando um clima busca,
 - Aonde com os seus ditoso seja.
 - A mole Estupidez cantar pretendo,
 - Que distante da Europa desterrada
 - Na Lusitânia vem fundar seu Reino.
- A proposição é uma parte essencial da estrutura épica parodiada pelo poema herói-cômico. Em Os Lusíadas ela ocupa as três primeiras oitavas.

Tendo falado do Reino da Estupidez em geral, segue-se o observarmos cada uma de suas partes em particular. A proposição, posto que criticada por muitos, não peca, contudo, contra as regras. Nós não vamos em parte alguma, onde se nos dão os preceitos do poema épico, reprovado este modo de principiar, antes o vemos aprovado, e observado pelo grande Virgílio. Este insigne poeta costumado a cantar entre os romanos assuntos agrestes, e baixos, principia o seu poema dizendo-nos: que ele já não canta assuntos do campo, como d'antes, mas que celebra uma matéria mais sublime, as armas, e o varão, que fugitivo de sua pátria foi o primeiro que navegou de Troia a Itália: ele principia deste modo, para dar ao povo romano uma ideia mais alta do assunto, que ele vai cantar, acima de todas as suas éclogas, e Geórgicas, que o mesmo povo tinha visto. Da mesma sorte começa o nosso poeta avisando-nos: que ele não canta aquele herói pio e valente etc. mas que pretende cantar a mole Estupidez: a fim de nos dar uma ideia mais clara da novidade do assunto que ele se propõe a cantar, como se nos dissesse em geral: que ele não celebra as ações de herói algum, porém canta a entrada da Estupidez em Portugal. (Prefação, Ms. BBM 2)

As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Netuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta

(Lus., I, 1-3)

INVOCAÇÃO ÀS MUSAS

“Dita-me, oh Musa, que eu não posso tanto,
Os nobres feitos, e diversos casos,
Que a esta grande empresa acompanharam.” Canto 1

“Na minha fantasia acende, oh Musa,
Hum fogo vivo; põe na minha língua
Expressivas palavras com que pinte
As proezas que vou dizer agora.” Canto 3

- A invocação às musas é a segunda parte essencial do discurso épico, a ser parodiada comicamente pelo poema herói-cômico. Em *Os Lusíadas*, a primeira invocação ocupa as 4ª e 5ª oitavas. Há outras no canto VII, 78 e no X, . Do mesmo modo, em *O Reino da Estupidez*, há outras duas invocações às musas.

“Musa, renova no teu vate o fogo
Que já fizeste arder na sabia mente,
Não digo de Despréaux, daquele ativo,
E discreto Diniz na Hyssopaida;
Renova, em quanto acabo, que a preguiça
Da mole Estupidez já me acomete;
Já começo a sentir os seus efeitos.
Mas ah! Que um estro de repente agita
A minha phantasia.” Canto 4

E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mi um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandiloquo e corrente,
Por que de vossas águas Febo ordene
Que não tenham inveja às de Hipocrene.

Dai-me üa fúria grande e sonora,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso. (Lus., I, 4 e 5)

No mais, Musa, no mais, que a Lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
Dũa austera, apagada e vil tristeza. (Lus, X, 145)

Não invocação...

NARRAÇÃO “IN MEDIAS RES”

- Já no largo Oceano navegavam,
- As inquietas ondas apartando;
- Os ventos brandamente respiravam,
- Das naus as velas côncavas inchando;
- Da branca espuma os mares se mostravam
- Cobertos, onde as proas vão cortando
- As marítimas águas consagradas,
- Que do gado de Próteu são cortadas,
- (Lus., I, 19)

- A terceira regra do gênero épico é que a narração comece no meio da história. Em *Os Lusíadas* ela começa na oitava 19ª, pois Camões insere a dedicatória ao rei D. Sebastião entre a invocação e a narração, da oitava 6ª à 18ª, **inovando o esquema da épica, como reza a imitatio renascentista, que busca a superação dos modelos da tradição, pela imitação diferencial.** Esta convoca o engenho do poeta na articulação dos argumentos e da disposição das partes do poema.

Um feio monstro de cruel figura,
Desgrenhados cabelos, olhos vesgos,
Disforme ventre, circular semblante
Da lúgubre caverna, onde jazia,
Bocejando saiu, e longo tempo
Nas vizinhas montanhas reparando,
Estas vozes soltou de mágoa cheia:
« É possível, que sendo venerada
Em outro tempo pela Europa toda
Hoje aqui viva sem domínio, ou mando,
Nestas brenhas incultas desterrada?
He possível, qu'a Deusa, que usurpára
De Sábia o nome, e ser de Jove filha,
Dos meus vastos domínios m'expelisse,
E haja sobre o meu, posto o seu trono?!

“Do inviolável preceito que nos dá Horácio na sua Arte poética, de não principiarmos a narração daquela ação, que se pretende cantar, desde a sua primeira origem, se lembrou perfeitamente o nosso poeta, porquanto ele principia fingindo a Estupidez saindo da cova para onde Minerva a tinha desterrado, sem nos relatar o como Minerva expulsou a Estupidez da Europa.”
(Prefação, Ms. BBM 2)

A estrutura de narração da épica convoca algumas personagens para assumirem o discurso narrativo:

- Alguns narradores de Os Lusíadas:
 - O poeta em excursos ao fim dos Cantos;
 - Júpiter;
 - Vasco da Gama;
 - Veloso;
 - Paulo da Gama;
 - Tétis;
 - Etc.
- Alguns narradores de O Reino da Estupidez:
 - O poeta;
 - A mole Estupidez;
 - A Raiva;
 - A Inveja;
 - O Fanatismo;
 - A Hipocrisia;
 - A Superstição;
 - Lentes a favor e contra a Estupidez.

O uso de epítetos é característico do discurso épico e é subvertido comicamente no poema herói-cômico:

Odisseia

- O facundo Ulisses
- “Em quanto às personagens conservarem sempre o mesmo caráter, parte tão essencial na poesia épica, nós a vemos felizmente observada neste poema. Os vícios personalizados falam e obram da mesma sorte que falaria e obraria um homem por exemplo estúpido, raivoso ou fanático etc. As pessoas que se criticam, quem as conhecer, pode ver a semelhança dos seus costumes com os que se lhe aplicam neste poema.”
Prefação, Ms BBM 2.

O Reino da Estupidez

- A mole Estupidez
- A frouxa Estupidez
- A fina Hipocrisia
- A Raiva: impaciente, furiosa, vingadora
- Etc.

Em *O Reino da Estupidez*, a narração se dá pela personificação dos sentimentos como fúrias, por meio da prosopopeia. Trata-se de um artifício retórico que visa, pela ironia, apresentar comicamente como altas personagens baixas. Daí o uso das maiúsculas alegorizantes na série de substantivos abstratos: Estupidez, Raiva, Inveja, Superstição, Hipocrisia e Fanatismo. O uso dos sonhos proféticos também retoma o poema épico de Camões. O sonho do Gama e o de D. Manuel são replicados, pela inversão cômica, nos sonhos respectivos do Prelado e do Reitor.

O trabalho sobre elocução é uma das características da escrita estruturada retórico-poeticamente, como o uso de figuras de pensamento e de linguagem :

IRONIA

- “Quanto lhe sofre a natural inércia,
- Ligeiramente marcha”

- “Então o Fanatismo, que tomára
- Um ar sisudo, e marcha compassada
- Vendo reinar a Humanidade,
- De tristeza, e de rancor, se despedaça.”

HIPERBATO

- “O fero coração das negras fúrias,
- Por ser causa comum, enterneceram
- Da mole Estupidez as brandas queixas”

- A ordem direta seria:
- As brandas queixas da mole Estupidez enterneceram o fero coração das negras fúrias.

O uso de símiles neste poema-herói cômico retoma o característico de *Os Lusíadas*:

Os Lusíadas

Qual o membrudo e bárbaro Gigante

Do Rei Saul, com causa, tão temido,

Vendo o Pastor inerme estar diante,

Só de pedras e esforço apercebido,

Com palavras soberbas, o arrogante

Despreza o fraco moço mal vestido

O Reino da Estupidez

Mas o povo uma vez entre apupadas

Pelas ruas o corre duramente,

Qual o cão, que danado se presume.

Qual anoso carvalho, cujos ramos

Tanto procuram as cinzentas nuvens

Quanto as raízes vão minando a terra,

Despreza imóvel a sobeja fúria

Dos ventos zunidores que o combatem

Qual sussurrante enxame, que em tumulto,

Segue a vereda que seguiu a Mestra,

Assim dos frades todos e dos becas

Seguiu a turba o explanado voto

Algumas referências a *Os Lusíadas*, no CANTO I de *O Reino da Estupidez*:

O Reino da Estupidez

“Não canto aquele Herói pio e valente
Que depois de ter visto a cara Pátria”

“Hum feio monstro de cruel figura,
Desgrenhados cabelos, olhos vesgos,
Disforme ventre, circular semblante”

“Fugir, fugir, desta inimiga
terra.”

Os Lusíadas

Lus, IX, 17, v.1:

“O prazer de chegar à pátria cara”

Lus, V, 49: a descrição do Adamastor é evocada na
da Estupidez:

“Mas ia por diante o monstro horrendo [...]
A boca e os olhos negros retorcendo”

Lus, II, 61:

“Quando Mercúrio em sonhos lhe aparece,
Dizendo: - Fuge, fuge, lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece”

CANTO II

O Reino da Estupidez

“Mas nisto a Raiva impaciente fala:

‘Não noteis companheiras, que eu primeiro

Tome mão da palavra, **serei breve**’

“Para os pequenos só as leis tem força.”

Os Lusíadas

Lus, III, 4:

“E, pera dizer tudo, temo e creio
Que qualquer longo tempo curto seja;
Mas, pois o mandas, tudo se te deve;
Irei contra o que devo, **e serei breve.**”

Lus, IX, 28:

“Leis em favor do Rei se estabelecem,
As em favor do povo só perecem.”

Canto II

O Reino da Estupidez

“Lugar, que fica além do claro Tejo
As vagas sentinelas se congregam”

“A mole Estupidez”

“Medonha e enormíssima figura
Tomei, e como seta despedida
A seu rico aposento fui direita”

“Oh costumes, oh tempos primitivos!
Tempos em que o Pastor só diferia
Do seu rebanho pelas sãs virtudes,
Pela vida exemplar com que o guiava!”

Os Lusíadas

- Lus, III, 42:

“Contra o mouro que as terras habitava
De além do claro Tejo deleitoso”

Lus, III, 92 e 139: “mole Sardanapalo” e sobre o rei D. Fernando:

“Mole se fez e fraco; e bem parece
Que um baixo amor os fortes enfraquece”

- . Lus, II, 18, sobre Vênus:

“Voa do céu ao mar como uma seta”

Lus, IV, 95: “Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos Fama!”

Argumento

A Estupidez lançada fora da Europa por Minerva pretende recobrar seus reinos, para isto, chama em seu socorro a Inveja, a Raiva, o Fanatismo, a Hipocrisia, a Superstição. Vão todas a França onde fazem os esforços possíveis para sujeitarem esse povo a seu domínio, porque Minerva o anima, ficando assim frustrados os trabalhos da Estupidez. Voltam a Inglaterra, onde experimentam a mesma sorte. Daqui partem para Lisboa, onde, querendo ver se achariam uma fortuna mais favorável, tomam todas diversas figuras, correm os lugares da cidade, para conhecerem os sentimentos do povo: depois se ajuntam e cada uma dá conta do que viu.

Partem finalmente para Coimbra, cuja notícia levando a fama a esta Cidade, o reitor convoca um claustro pleno, para decidir se devia ou não receber a Estupidez. Votam todos os Lentes que se devia receber: o Reitor vacilante lhe aparece de noite o Fanatismo na figura e um rapaz gordo, o qual lhe diz que receba a Estupidez. Até que motivado o reitor com a visão, manda logo lavrar o edital para que no dia seguinte de tarde vá toda a Universidade em préstimo ao além da ponte esperar a Estupidez, a qual fica esta noite no Convento dos Crúzios. No outro dia pela manhã vão buscar todos os Doutores a cavalo, e ela vem numa berlinda para Universidade, em cuja sala é recebida, o reitor a coroa, e jura vassalagem, e todos depois lhe beijam a mão.

Canto III

O Reino da Estupidez

Ainda reinará, **com magoa o digo**,
Na nossa Academia essa tirana,
Essa vã Divindade; mas protesto,
Que nem hoje o aprovo, e que inimigo
Há-de em mim encontrar, em quanto o sangue
Seu círculo fizer neste meu corpo.

Os Lusíadas

Lus, V, 97:

Enfim não houve forte Capitão
Que não fosse também douto e ciente,
Da lácia, grega ou bárbara nação,
Senão da portuguesa tão somente.
Sem vergonha o não digo, que a razão
De algum não ser por versos excelente,
É não se ver prezado o verso e rima,
Porque quem não sabe arte, não na estima

CANTO III

O Reino da Estupidez

“Pelo cume soberbo de alto monte”

“O monstro, que é dotado de cem olhos,
Que ao longe avista os mais pequenos vultos,
Que debaixo do teto o mais forrado
Nada se passa sem lhe ser notório;
O monstro, que por outras tantas bocas,
Quanto sabe e não sabe põe patente”

Os Lusíadas

Lus, IX, 87:

“Tomando-o pela mão, o leva e guia
Pera o cume dum monte alto e divino”

Lus, IX, 44:

“A Deusa Giganteia, temerária,
Jactante, mentirosa e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e, por onde voa,
O que vê, com mil bocas apregoa.”

Canto III

O Reino da Estupidez

“Na minha fantasia acende, oh Musa,
Um fogo vivo; põe na minha língua
Expressivas **palavras com que pinte**
As proezas que vou dizer agora.”

Os Lusíadas

• Lus, VIII, 41:

“Estes os seus não querem ver pintados
Crendo que cores vãs lhe não convenham,
E, como a seu contrário natural,
À pintura que fala querem mal.”

Ut pictura poiesis – Horácio

Poeta Simónides:

Poesia = pintura que fala

Pintura = poesia muda

Canto III

O Reino da Estupidez

“Em soberba cadeira se apresenta
O reitor, e por um e outro lado,
Os lentes e doutores assentados
Segundo o vão capricho os destinara,
A dar o seu par’cer se aprontam todos.”

Os Lusíadas

Lus, I, 23:

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros Deuses, todos assentados
Como a Razão e a Ordem concertavam
(Precedem os antigos, mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam)

Cantos III

O Reino da Estupidez

“Quem pode sem desprezo ver um lente
De imensos estudantes rodeado,
Pelos campos vagar, ali **colhendo**
Uma ervinha, uma flor, um gafanhoto?”

“recolhem da Igreja **os doces frutos**”

Os Lusíadas

Lus, III, 120:

“Estavas linda Inês posta em sossego
Dos teus anos **colhendo o doce fruto**
Naquele engano de alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito
Nos saudosos **campos** do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e às **ervinhas**
O nome que no peito escrito tinhas”

Canto III

O Reino da Estupidez

“Não é a glória vã de distinguir-me
Quem me obriga a encontrar a tantos votos
Que, por serem conformes, talvez sejam
Ao parecer de muitos, verdadeiros.”

“Era já noite, e nos Colégios ambos
Esquisitos manjares esperavam
Aos rubicundos e nutridos Becas.”

Os Lusíadas

Lus, IV, 95, v. 1: “O velho do Restelo”

“Ó glória de mandar, ó vã cobiça”

Lus, VI, 96:

“Não co’os manjares novos e esquisitos,
Não co’os passeios moles e ociosos,
Não co’os vários deleites e infinitos
Que afeminam os peitos generosos
Não co’os nunca vencidos apetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não sofre a nenhum que o passo mude
Para algüa obra heroica de virtude”

Canto III

O Reino da Estupidez

“Se os dias desta breve e curta vida
Tivéssemos com os livros perturbado
Teríamos acaso mais prebendas,
Mais dinheiro, mais honra, mais estima?”

Sextina de Camões

Edição de 1616:

“Vão sucedendo uns dias a outros dias;
Não perde o tempo nada do seu curso;
Perde somente a curta e breve vida”

Edição de 1595:

“Se no fim de tão longa e curta vida
De vós inda me inflamasse o raio vivo
Por bem teria tudo quanto passo”

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledó, inteiro,
Para o pelouro ardente, que assovia
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Destarte, o peito um calo honroso cria,
Desprezador das honras e dinheiro,
Das honras e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa e dura.

(Lus, VI, 98)

CANTO III

O Reino da Estupidez

“A glória do meu rei, o amor da pátria,
São dois fortes motivos que me impelem
A dizer francamente quanto penso.”

Os Lusíadas

“Vereis amor da pátria, não movido
De prêmio vil, mas alto e quase eterno:
Que não é prêmio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daqueles de quem sois senhor superno,
E julgareis qual é mais excelente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.”

(Lus, I, 10)

Assim foram cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que nasceram, sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno,
E à sua pátria e Rei temido e amado
O prémio e glória dão por que mandou,
E com títulos novos se ilustrou. (Lus, X, 144)

A ironia pela afirmação do absurdo move ao riso:

“De que podem servir estes estudos

Que mais da moda se cultivam hoje?

A bárbara geometria tão gabada

Que mil proporções, todas heréticas,

Aqui faz ensinar publicamente,

Sabeis para que presta neste mundo?” (Canto III, de O Reino da Estupidez)

Canto IV

O Reino da Estupidez

“Ainda descansava a roxa aurora”

Odisseia

“Do éter gênita, surde a roxa aurora” (Livro IV, Trad. de Odorico Mendes)

Canto IV

O Reino da Estupidez

“A Deusa tutelar da sua Athenas.
Brandamente ondeando a nuvem para
Onde com o Reitor os Lentes-Chefes
Com o queixo caído presenciavam
Tão **grande maravilha nunca vista.**”

Os Lusíadas

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade;
Vós, ó novo temor da maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
(Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Para do mundo a Deus dar parte grande);

(Lus, I, 6)

Canto IV

O Reino da Estupidez

Seguem-se finalmente os Lentos todos,
Que são alegremente recebidos.
Mas chegando o Trigoso, fica a Deusa
Assombrada de ver tal catadura
Não menos carregada que a de um touro,
Que sopra, e para traz a terra lança,
Quando para investir se ensaia irado.

Os Lusíadas

Qual no corro sanguino o ledo amante,
Vendo a formosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena, e brada,
Mas o animal atroz, nesse instante,
Com a fronte cornígera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere e mata, e põe por terra:

Canto IV

O Reino da Estupidez

Seguem-se finalmente os Lentos todos,

Que são alegremente recebidos.

Mas chegando o Trigoso, fica a Deusa

Assombrada de ver tal catadura

Não menos carregada que a de um touro,

Que sopra, e para traz a terra lança,

Quando para investir se ensaia irado.

Os Lusíadas

- Qual o touro cioso, que se ensaia
Pera a crua peleja, os cornos tenta
No tronco dum carvalho ou alta faia
E, o ar ferindo, as forças experimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia,
Abaixando-lhe a tímida ousadia.
- (Lus, X, 34)

Canto IV

O Reino da Estupidez

Ainda bem ao convento Franciscano
O Préstito não chega, eis de repente
Uma nuvem brilhante vem ao longe,
De **luzentes estrelas** esmaltada;
No meio um trono ricamente feito;
A mole Estupidez sentada n'ele.
Entre tanto aparato lá disfarça
A sua horrenda, e natural figura:

Os Lusíadas

Em **luzentes assentos, marchetados**
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros **Deuses todos assentados**,
Como a razão e a ordem concertavam:
(Lus, I, 23, vv. 1-4)

Canto IV

O Reino da Estupidez

Em triunfo é levada a Deusa Augusta
A um soberbo, e majestoso trono:
Gemem debaixo dele aferrolhados
A Ciência, a Razão, o Desabuso.
Põem-se em sossego os assistentes todos.

Os Lusíadas

- Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.
- (Lus, III, 120)

Canto IV

O Reino da Estupidez

- Levanta-se o Bustoque, e de joelhos
- À Deusa pede uma comprida vênia:
- Em bárbaro latim começa ufano
- A tecer friamente um elogio
- À sua Protetora; e nele mostra
- O quanto é indecente que nas Aulas
- Em Português se fale, profanando
- A sacra Teologia e as mais ciências:
- Que em forma silogística se devem
- Os argumentos pôr: sem silogismo,
- Não sabe como possa haver verdade.

Os Lusíadas

Sustentava contra ele Vênus bela,
Afeiçoada à gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nela
Da antiga tão amada sua Romana;
Nos fortes corações, na grande estrela,
Que mostraram na terra Tingitana,
E na língua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina.

(Lus, I, 33)

CAMÕES E OS REINOS DA ESTUPIDEZ: DE
FRANCISCO DE MELO FRANCO A FRANCISCO
MANOEL DE MELLO FRANCO

Gil Clemente Teixeira

ABRIL – Revista do NEPA/UFF, Niterói, v.11, n.23, p. 181-195, jul.-dez.
2019

Tratado da educação fysica dos meninos : para uso da nação portugueza publicado por ordem da Academia Real das Sciencias de

Lisboa by Francisco de Mello Franco (file)

10 editions published in 1790 in Português and Alemão and held by 45 libraries worldwide

Elementos de hygiene : ou dictames theoreticos, e practicos para conservar a saude, e prolongar a vida by Francisco de Mello Franco (Livro)

12 editions published between 1814 and 1823 in Português and Francês and held by 40 libraries worldwide

Ensaio sobre as febres, com observações analyticas a'cerca da topographia, clima, e demais particularidades que influem no caracter das febres do Rio de Janeiro by Francisco de Mello Franco (file)

4 editions published in 1829 in Português and Alemão and held by 27 libraries worldwide

Reino da estupidez : poema by Francisco de Mello Franco (Livro)

9 editions published between 1818 and 1975 in 3 languages and held by 27 libraries worldwide

Medicina theologica, ou, Supplica humilde, feita a todos os senhores confessores e directores, sobre o modo de proceder com seus penitentes na emenda dos peccados, principalmente da lascivia, colera, e bebedice by Francisco de Mello Franco (file)

4 editions published in 1794 in Português and held by 26 libraries worldwide

Medicina teológica by Francisco de Mello Franco (Livro)

2 editions published in 1994 in Português and held by 18 libraries worldwide

Reposta segunda ao Filosofo solitario, : por hum amigo dos homens: na qual se mostra que toda a sus obra não he mais que huma simplez traducção; e se apontaõ os defeitos della com hum dialogo no fim do mesmo Solitario com a alma do caturra D. Felix by Francisco

de Mello Franco (file)

2 editions published in 1787 in Português and held by 16 libraries worldwide

Medicina teológica, medicina theologica by Francisco de Mello Franco (Livro)

8 editions published between 1994 and 2008 in Português and held by 14 libraries worldwide

A estupidez : poema em tres cantos by Francisco de Mello Franco (file)

2 editions published in 1822 in Português and held by 13 libraries worldwide

Reino da estupidez by Francisco de Mello Franco (Livro)

2 editions published in 1995 in Português and held by 11 libraries worldwide

1757-1823

Melo Franco, Francisco de
Melo Franco, Francisco de
1757-1823

فرانسیسکو دی میلو فرانکو دکتور من
البرازیل

Languages

Português (68)

Francês (5)

Alemão (3)

Espanhol (2)

Inglês (1)

Klut, Duarte. "O Momento Pedagógico Pombalino: Referências Bibliográficas." *Revista Portuguesa De Filosofia*, vol. 38, no. 4, 1982, pp. 549-57. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/40338080. Accessed 1 Nov. 2021.